

h



O nome desta ilha não poderia ser outro: Pedra Furada

há 50 anos, dona Joana Batista de Jesus aportou em um povoado que, de tão minúsculo, não consta no mapa da Baía de Camamu, sul da Bahia. Chegou de canoa, a prole a bordo, enfrentando tempestade, correnteza e desorientação pelos labirintos de águas entre Ilhéus e Itacaré. Isolada na Ponta de Caieiras, plantou cocos e criou meia dúzia de filhos, envelhecendo sem reparar. Este ano, dona Joana completou 93 anos. Da terra, obtém frutos, coco e dendê. E as águas, que um dia a ameaçaram, dão-lhe tanta fartura de alimentos que já não são vistas com pesar.

Como dona Joana, os homens e mulheres da Baía de Camamu sabem pouco sobre o turismo que, nos últimos anos, cresceu no trecho voltado ao mar aberto, onde estão os vilarejos de Barra Grande, a bela Praia de Taipus de Fora e a divisa, pelo Rio de Contas, com Itacaré. De costas para o oceano, a baía de dona Joana vive sem forasteiros, sem pressa,

cidade da Bahia. Hoje vive sem pressa e sem forasteiros

sem fome e em paz. O tempo é outro, regido exclusivamente pelas fases da lua e pelo vaivém das marés.

Foi para explorar a paisagem intocada de Camamu pelo ângulo de seus moradores que planejamos a viagem a bordo de dois caiaques oceânicos. Sobre duas embarcações alugadas, saímos do Rio Maraú, na ponta mais ao sul da baía, a 16 quilômetros de Itacaré, e seguimos até a Barra do Serinhaém, na boca da baía. Uma travessia extensa, com 106 quilômetros de extensão (ida e volta), que caiaquistas experientes, com equipamento adequado, poderiam fazer em quatro dias. Ou em uma semana, se reservassem um mínimo de tempo para conhecer a região. ✦